
O *ENFANT TERRIBLE* DA TRADUÇÃO - Pym, Anthony
Method in Translation History,
Manchester: St Jerome Press,
1998, pp 220.

Os Estudos da Tradução, uma disciplina que, embora em voga, ainda luta por obter respeitabilidade acadêmica, já têm o seu *enfant terrible*, rebelde, iconoclasta, criativo, cáustico, freqüentemente injusto e, às vezes, até cordial.

Este livro poderia se chamar *Method in Translation Sociology*, o que corresponderia melhor a seu conteúdo. Mas os títulos de Pym não precisam ser levados muito a sério. Da mesma forma que, entre autoirônico e piegas, ele coloca fotos dos filhos na capa de seus livros, certas palavras-chave do título podem ter mais a ver com o prestígio dessas palavras, ou com a exigência do editor, do que propriamente com o tema do livro. Assim, um livro anterior, pleno de ricas observações etnográficas sobre sua experiência de ensino na Espanha, recebeu o título um tanto bombástico de *Epistemological Problems in Translation and its Teaching*, denotando pretensões

filosóficas ao que é, basicamente, fruto de um sólido bom senso, na melhor tradição pragmática anglo-saxônica.

O novo livro, apesar de conter “history” no título e muitos exemplos históricos, está escrito segundo uma perspectiva sociológica e, em seus momentos mais áridos, de uma sociologia quantitativa um tanto indigesta e, o que é pior, de poder explicativo problemático. É em vão que buscamos na ampla bibliografia as grandes referências de teoria da história, clássicas ou contemporâneas. Além da inconsistência entre rótulo e conteúdo, este livro, tal como o anterior, é antes uma coleção solta de ensaios do que propriamente um livro de concepção unitária e desenvolvimento uniforme. Aparentemente o autor não dedicou muito tempo à sua feitura, que parece mais fruto de uma brilhante capacidade de improviso do que de uma construção cuidadosa.

Estas observações iniciais visam colocar limites ao que é, sob muitos pontos de vista, um livro inteligente. De fato, a originalidade e autonomia de Pym são inegáveis, embora se obscureçam em uma superfície de generalizações apressadas, deboche fácil e críticas impulsivas a colegas de ofício.

Um dos pontos fortes deste livro é sua insistência em que a pesquisa histórica se centre nos “issues of interculturality and transcultural movement” (p. 18), mesmo se Pym, com demasiada pressa decreta a crise do que chama de “sedentary cultures”. Isto é tanto mais notável quando consideramos que a cultura anglo-americana, da qual ele é, afinal, um representante, parece ser uma das mais refratárias a uma perspectiva propriamente intercultural.

Os seis primeiros capítulos (“History”, “Importance”, “Lists”, “Working definitions”, “Frequencies” e “Networks”) cobrem, de forma um tanto idiossincrática, alguns pontos centrais de uma pesquisa de história (ou sociologia) da tradução.

Só depois da discutível importância das freqüências e da indiscutível utilidade de se examinarem os “networks” é que entramos em algo realmente relevante do ponto de vista da tradução e da história da tradução: “Norms and systems”, como é chamado o crucial capítulo 7. Neste capítulo Pym enfrenta a espécie de patriarcal dos estudos da tradução contemporâneos que é Gideon Toury. Pym, que em páginas anteriores já dera algumas alfinetadas em

Toury e em inúmeros outros estudiosos de prestígio, exhibe aqui toda a sua verve ao fazer uma avaliação avassaladora do teórico israelense. Os méritos e debilidades de Toury estão aqui expostos de forma enfática e mordaz, em uma linguagem onde se alternam o registro erudito (“the underlying approach comes dangerously close to the reasoning of the French sociologist Gabriel Tarde”, p. 111) e o mais ferino coloquialismo (“This is not quite a debate about chickens and eggs.”, p. 111). Depois de caracterizar, indiretamente, o enfoque de Toury como conservador (“Change becomes an affair of pathology”), Pym arre mata sugerindo que Toury e seu grupo pecam também por ingenuidade e formalismo (“Who establishes and retains the norms? The theorists of translational norms do not say, since their business is merely to describe the norms themselves, in the same way as one might describe the perfect form of an egg so as not to enter the more erratic practice of hen-pecking.”, p. 111). No mesmo capítulo 7 sobram farpas para outros especialistas, mais ou menos célebres na área: Christiane Nord (p. 112) Mona Baker (p. 114) e Lawrence Venuti (p. 115), André Lefevere

(p. 116), Theo Hermans (p. 122) e Delabastita, José Lambert e Lieven D'hulst (p. 123).

No capítulo 8, Pym tenta formular algo pessoal e aqui vemos como ele é tão melhor para demolir do que para construir algo próprio. Sua proposta de “regimes”, conceito tomado do especialista em política internacional John Ruggie, para caracterizar projetos tradutórios históricos resulta em um aparato desnecessariamente complicado e menos convincente do que os conceitos de Toury, tão convincentemente criticados no capítulo anterior. O mesmo se pode dizer de sua incursão um tanto atabalhoada em terreno filosófico no capítulo 9, que tem por título nada menos que “Causes”.

Depois de se perder na selva escura, Pym retorna ao seu melhor modo nos capítulos 10, 11 e 12, que tratam respectivamente de “Translators”, “Intercultures” e “Interdisciplinarity”. São páginas de leitura agradável e proveitosa, cheias de achados e, novidade,

bem humoradas. Estes capítulos (que vão da página 160 à 201) merecem ser lidos antes dos outros, porque simplesmente contêm o mais útil e mais sutil do livro, o que inclui uma amena defesa de estudos não apenas culturais mas interculturais.

Resumindo, trata-se de um livro que todo interessado em estudos da tradução deveria ler, se bem que *cum grano salis*. Uma boa medida para os leitores mais sensíveis, que o estilo de Pym provavelmente irritará, é ler, ou reler, em seguida a este trepidante livro o calmo – e quão mais sólido – clássico de Antoine Berman, *L'épreuve de l'étranger* (Paris: Gallimard, 1984, reeditado em 1995): uma obra de minuciosa e elegante reconstrução histórica, que nos pode ajudar a medir de forma mais acurada a importância, ou desimportância, relativa do livro objeto desta resenha, a que poucos mostrarão indiferença.

Walter Carlos Costa
UFSC